

POR QUÊ DA LEI?

CÓDIGO: 204009
 TEXTO: GI 3.15-29
 PRELETOR: Fernando Leite
 DATA: 13/10/2002
 MENSAGEM 09

SÉRIE: GÁLATAS - EVANGELHO AUTÊNTICO

INTRODUÇÃO

A síntese da mensagem de Gálatas é que nós não podemos ser aceitos por Deus mediante qualquer mérito pessoal. A única maneira de nos achegarmos a Deus e sermos aprovados na sua presença não é por conta do que fazemos e sim por conta daquilo que Deus faz. A bem da verdade, a mensagem de Gálatas refere-se à graça de Deus, a única maneira de sermos plenamente aceitos.

No entanto, na igreja da Galácia, havia um grupo zeloso que tinha a preocupação de que as pessoas, sabendo que a salvação não dependia do que elas faziam ou deixavam de fazer, pudessem levar uma vida marcada pelo pecado sem sofrer conseqüências. Por conta disso, eles estavam impondo preceitos da Lei. Era uma preocupação justa, porém, quando acrescentavam essas condições além da fé, eles estavam destruindo o conceito de graça e a essência do evangelho.

Um dilema

Nesse contexto, surge uma questão na mente daqueles irmãos que, muito provavelmente, já passou pela sua mente. Deus fez uma promessa a Abraão, renovou essa promessa depois de 215 anos, e, 430 anos depois, comunicou a Lei. Ora, se salvação é só por fé e graça, por que Deus deu a Lei? Se a Lei é antagônica à promessa, foi Deus incoerente? Nos versículos 19 e 21 lemos: *Qual era então o propósito da Lei? 21 Então, a Lei opõe-se às promessas de Deus?* A verdade é que a Lei desempenha um papel fundamental, cooperando com o homem na percepção da própria necessidade da graça de Deus. Portanto, nesses versículos, o apóstolo Paulo apresenta três figuras que têm por objetivo esclarecer nossa compreensão da relação existente entre lei e graça. É importante lembrarmos que, no início do capítulo 3, Paulo já havia feito uso de uma figura do ambiente comercial para esclarecer a questão do resgate e liberdade. Agora, ele começa a lançar mão de figuras humanas, para nos explicar qual é a relação que existe entre a Lei e a salvação.

1ª FIGURA: ALIANÇA

A primeira figura que ele utiliza é a da aliança, como lemos nos versículos 15 a 18: *Irmãos, humanamente falando, ninguém pode anular um testamento depois de ratificado, nem acrescentar-lhe algo. 16 Assim também as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não diz: “E aos seus descendentes”, como se falando de muitos, mas: “Ao seu descendente”, dando a entender que se trata de um só, isto é, Cristo. Quero dizer isto: A Lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de modo que venha a invalidar a promessa. 18 Pois, se a herança depende da Lei, já não depende de promessa. Deus, porém, concedeu-a gratuitamente a Abraão mediante promessa. Em algumas traduções, no lugar de aliança aparece a palavra testamento. Quando lemos Hebreus 9.15-17, por exemplo, encontramos a mesma palavra: *Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. 16 No caso de um testamento, é necessário que se comprove a morte daquele que o fez; 17 pois um testamento só é validado no caso de morte, uma vez que nunca vigora enquanto está vivo quem o fez.**

O que Paulo estaria pensando quando ele utiliza aqui a expressão testamento ou aliança? Ele poderia ter em mente duas leis existentes no seu tempo. A primeira delas era a lei romana, que determinava que, quando alguém fazia um testamento, ninguém poderia fazer modificações àquele testamento, a não ser a própria pessoa que o havia escrito. Porém, havia uma lei grega mais antiga, que dizia que, quando um testamento fosse executado e ratificado, não poderia sofrer qualquer alteração, nem por quem o escrevera. Apesar de não sabermos a qual das duas leis Paulo estava se referindo, fica claro que, ao testamento ou à aliança, nada poderia ser acrescentado ou modificado. O pacto que Deus fez com Abraão não poderia ser mudado. Se, no ambiente humano, pactos não podem ser mudados, menos ainda com relação a Deus.

Recordemos qual foi a promessa de Deus a Abraão, lendo Gênesis 15. 5-7: *Levando-o para fora da tenda, disse-lhe: “Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las”. E prosseguiu: “Assim será a sua descendência”. 6 Abraão creu no SENHOR, e isso lhe foi creditado como justiça. 7 Disse-lhe ainda: “Eu sou o SENHOR, que o tirei de Ur dos caldeus para dar-lhe esta terra como herança”. Conforme lemos no versículo 6, o fato de Abraão ter crido na promessa do Senhor, fez com que ele fosse declarado justo. Entretanto, no versículo 8 dessa mesma passagem, Abraão faz uma pergunta a Deus: Perguntou-lhe Abraão: “Ó Soberano SENHOR, como posso saber que tomarei posse dela?” Nos versículos 9 e 10 podemos ler a resposta de Deus: Respondeu-lhe o SENHOR: “Traga-me uma novilha, uma cabra e um carneiro, todos com três anos de vida, e também uma rolinha e um pombinho”. 10 Abraão trouxe todos esses animais, cortou-os ao meio e colocou cada metade em frente à outra; as aves, porém, ele não cortou. Esse era o método do oriente médio antigo de estabelecer um compromisso: colocava-se um animal cortado ao meio, e as duas pessoas passavam entre as duas metades. Nos versículos 17 e 18 vemos qual foi o compromisso estabelecido entre ambos: Depois que o sol se pôs e veio a escuridão, eis que um fogareiro esfumaçante, com uma tocha acesa, passou por entre os pedaços dos animais. 18 Naquele dia o SENHOR fez a seguinte aliança com Abraão: “Aos seus descendentes dei esta terra, desde o ribeiro do Egito até o grande rio, o Eufrates.*

Essa foi a aliança estabelecida entre Deus e Abraão. Entretanto, há algo estranho, pois o comum naquele tempo era ambos passarem entre os animais, e Abraão não o fez. Quem passou foi apenas o próprio Deus, por isso manifestou-se um fogareiro esfumaçante. Deus fez um testamento a Abraão com promessas e ele, somente ele, pôde ratificá-lo, passando entre os animais. É sobre isso que Paulo fala no versículo 16 de nossa passagem de estudo: *Assim também as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente...* A promessa que Deus havia feito a Abraão, 645 anos antes da lei, e reafirmada 215 anos depois a Jacó, não poderia ser desprezada pela lei. É sobre isso que lemos no versículo 17: *Quero dizer isto: A Lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de modo que venha a invalidar a promessa.* Portanto, a lei não substituiu ou acrescenta algo à promessa, pois esta foi concedida gratuitamente, como é dito no versículo 18: *Pois, se a herança depende da Lei, já não depende de promessa. Deus, porém, concedeu-a gratuitamente a Abraão mediante promessa.* A lei não tinha o poder de suprimir o todo ou partes da promessa feita a Abraão, nem mesmo adicionar-lhe algo.

Nos versículos 21 a 23, encontramos a segunda figura que Paulo nos apresenta, o confinamento: *Então, a Lei opõe-se às promessas de Deus? De maneira nenhuma! Pois, se tivesse sido dada uma lei que pudesse conceder vida, certamente a justiça viria da lei. 22 Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa, que é pela fé em Jesus Cristo, fosse dada aos que crêem. Antes que viesse essa fé, estávamos sob a custódia da Lei, nela encerrados, até que a fé que haveria de vir fosse revelada.* Prestemos atenção em dois verbos empregados nesses versículos. O primeiro deles é o que foi traduzido no versículo 23 por “estávamos sob custódia”. Esse verbo era utilizado referindo-se à proteção com guardas militares e, quando aplicado a uma cidade, significava manter o inimigo fora ou guardar o habitante dentro. Em duas outras ocasiões, no Novo Testamento, encontramos esse verbo. Uma delas é em I Coríntios 11.32: *Em Damasco, o governador nomeado pelo rei Aretas mandou que se vigiasse a cidade para me prender.* A segunda é em Atos 9.24: *mas Saulo ficou sabendo do plano deles. Dia e noite eles vigiavam as portas da cidade a fim de matá-lo.*

O segundo verbo aparece no versículo 22, “a Escritura encerrou tudo”, e no versículo 23, “nela encerrados”. Esse verbo foi utilizado mais uma vez no Novo Testamento, em Lucas 5.6: *Quando o fizeram, pegaram tal quantidade de peixes que as redes começaram a rasgar-se.* Ambos os verbos têm a idéia de qual é o papel da Lei. Apesar de não salvar, ela tem um importante papel antes da salvação. Embora a Lei não seja capaz de nos aperfeiçoar, ela é capaz de nos aprisionar, tendo um valor no que faz. Em Atos 21.28, lemos as seguintes palavras do apóstolo Paulo: *Israelitas, ajudem-nos! Este é o homem que ensina a todos em toda parte contra o nosso povo, contra a nossa lei e contra este lugar. Além disso, ele fez entrar gregos no templo e profanou este santo lugar.* As pessoas pensavam que Paulo estava contra a Lei. Entretanto, ele não estava contra a Lei; apenas a via com um propósito diferente da justificação.

O propósito da Lei

No versículo 19, o apóstolo nos diz qual o propósito da Lei: *Qual era então o propósito da Lei? Foi acrescentada por causa das transgressões.* O propósito da Lei no plano de Deus não é salvar, e sim deixar patente o estado do pecador. Quem observa a Lei, percebe a sua própria inadequação e transgressão. Em Romanos 3.20, lemos: *Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado.* Também em Romanos 4.15, Paulo diz: *porque a Lei produz a ira. E*

onde não há Lei, não há transgressão. A Lei não melhora a condição de ninguém, somente contribui para que o pecador perceba o seu estado e sua condição de pecador. Ainda em Romanos, capítulo 7, versículo 7, é dito: *Que diremos então? A Lei é pecado? De maneira nenhuma! De fato, eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da Lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é cobiça, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás”.* A Lei permite que cada um veja suas falhas com maior clareza.

É possível alguém perceber os seus erros sem conhecimento da Lei, como Paulo diz em Romanos 2.14-15, referindo-se aos gentios: *De fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; 15 pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os.* No entanto, a Lei tem o poder de clarificar isso de tal maneira que se pode enxergar a própria falta. Vejamos um exemplo recente. Uma faculdade paulistana realizou uma festa que foi marcada por promiscuidade. Havia cabines nas quais as pessoas entravam para ter relações sexuais, e onde havia placas dizendo: “sorria, você está sendo filmado”. Como as pessoas estavam, realmente, sendo filmadas, alguém lançou mão dessas imagens e colocou-as na internet, disponíveis para qualquer um. Enquanto o pecado estava escondido, aquelas pessoas sorriam para a câmera. Porém, algumas pessoas, sabendo que todos viram o que havia sido feito naquelas cabines, nunca mais voltaram à faculdade.

Imagine agora a Lei de Deus. Uma pessoa pode errar, sem que ninguém saiba. Porém, no momento em que ela sabe que sua ação foi contra a Lei, desqualificando-a perante Deus, isso clarifica a sua percepção de culpa e de condenação. Se não for pela graça, misericórdia e bondade de Deus, ninguém pode salvar-se. Eu tenho certa preocupação com a maneira como as pessoas pregam o evangelho de Jesus Cristo. Certa vez eu ouvi um missionário contando que, ao falar do evangelho a uma tribo de índios, ninguém parecia prestar atenção. Então, durante dois anos, ele resolveu pregar somente a Lei para, no terceiro ano, pregar o evangelho. Quando reconhecemos que estamos presos, uma palavra de liberdade tem significado; quando reconhecemos que estamos condenados, uma palavra de justificação tem significado. É preciso mostrar a Lei às pessoas, para que elas possam saber o quanto necessitam da graça e misericórdia do Senhor.

3ª FIGURA: GUARDIÃO

No versículo 24 do texto em estudo, lemos: *Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos*

justificados pela fé. A palavra traduzida aqui por tutor é a palavra grega *παιδαγωγος* (pedagogo), que não tinha ainda o sentido de professor ou mestre, pois o pedagogo, naquele tempo, não tinha a função de ensino, mas sim de guiar e supervisionar a criança em todos os seus atos. Normalmente, quem desempenhava esse papel era um escravo, que conduzia a criança à escola, que exigia que ela fizesse algo ou que a disciplinava. Sempre que um pedagogo era retratado num quadro, ele estava com uma vara ou bengala nas mãos, demonstrando que eram pessoas cruéis.

O apóstolo Paulo, em I Coríntios 4.15,21 diz: *Embora possam ter dez mil tutores em Cristo, vocês não têm muitos pais, pois em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho. 21 Que é que vocês querem? Devo ir a vocês com vara, ou com amor e espírito de mansidão?* No mesmo texto, o apóstolo está fazendo distinção entre a ação de um tutor e de um pai. Enquanto o tutor vai com vara, o pai vai com amor. Porém, mesmo assim, o tutor tinha uma função naquela época. Ele repreendia, castigava e denunciava, mas não aperfeiçoava. Assim é a Lei, que tem propriedade de julgar, disciplinar e castigar, sem o potencial de corrigir, porém criando a atmosfera e o pesar que conduzem ao evangelho. Na sociedade grega, e também na judaica, a criança era emancipada cedo, entre os seus 14 e 17 anos. No entanto, até essa idade, a criança estava sempre sujeita à supervisão, aos maus tratos e aos castigos que recebia de seu tutor. Da mesma forma, a Lei não é bondosa. Pelo contrário, é rigorosa, severa e castiga, mas também nos leva ao desejo de sermos libertos dessa condição, para sermos filhos de Deus.

A condição de filhos

A nossa sociedade também tem algumas peculiaridades no que se refere ao tratamento da culpa. Muitos jogam a culpa na própria sociedade, outros dizem que a culpa é do destino, há ainda aqueles que negam a culpa. A Lei, como tutor, mostra que quem peca e erra somos nós mesmos, e acaba castigando-nos por não cumprirmos o que foi por ela estabelecido. Entretanto, na condição de tutor, a Lei só tem poder para agir e nos condenar até o momento em que conhecemos a Cristo e podemos, finalmente, ser justificados pela fé. Nos versículos 24 e 25 de nossa passagem de estudo lemos: *Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. 25 Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor.* Assim como a criança grega ou judaica, ao atingir sua emancipação, tornava-se livre dos castigos do tutor, também nós, ao sermos justificados pela fé, não estamos mais sob o controle e a condenação da Lei. Assim como aquela criança, deixamos de ser crianças sujeitas ao tutor, e passamos a desfrutar da condição de filhos.

No versículo 27, Paulo diz: *pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram*. Neste versículo, o apóstolo não faz referência à cerimônia do batismo, e sim à expressão física da fé em Cristo. Todo o jovem, ao obter sua emancipação, tinha que vestir uma roupa especial, a *toga virilis*. Então, o que ele está dizendo no versículo 27 é, justamente, que todo aquele que crê em Jesus Cristo, reveste-se de Cristo. Através da fé em Cristo, nós nos tornamos filhos responsáveis, que têm direitos diante do Pai.

O QUE SOMOS EM CRISTO?

Filhos de Deus

Os judaizantes consideravam que Paulo era contra a Lei. No entanto, ele lhes mostra que não é contra a Lei em si, mas sim contra a compreensão de que, em algum momento da vida, através da Lei, uma pessoa possa libertar-se e justificar-se. Ele reconhece que a Lei tem um papel pré-salvação. Primeiramente, ele demonstra que a Lei não pode substituir a promessa e a fé. Mostra também que a Lei nos dá oportunidade de refletir em nossa falta de adequação, condenação e falta de solução por nós mesmos. Por fim, ele demonstra que a Lei age com severidade e crueldade, restando-nos apenas aguardar a libertação, proveniente apenas através da fé em Cristo Jesus.

É somente pela fé que nós nos tornamos filhos de Deus e recebemos uma nova natureza. Em João 1.12, lemos: *Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus*. É somente por crer que podemos sair da condição de alguém que é escravo, alguém subjugado e alguém que está condenado para nos tornarmos filhos de Deus.

Recentemente um irmão da igreja me pediu para conversar com um pai de santo que ele conheceu. Após nossa conversa, ele me disse: *Eu sou um pai de santo há 30 anos, já atendi 35 mil pessoas, mas a minha vida é um vazio. Desde que eu conheci esse moço eu percebi que minha vida não vale nada. Eu estou em busca de me libertar disso, mas não consigo*. Nós abrimos as Escrituras e começamos pela Lei, para que ele tivesse consciência do que estava fazendo. Ele compreendeu suas transgressões. Eu lhe expus o evangelho e ele quis aceitar ao Senhor ali mesmo, naquele local. No final, eu lhe perguntei se ele já havia vivenciado um alívio maior do que aquele, ou se já havia sentido uma alegria tão grande, ao que ele respondeu: *Jamais*.

Feitos um em Cristo

No versículo 28, Paulo diz ainda: *Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*. Além de nos tornarmos filhos, Paulo acrescenta aqui uma nova perspectiva da salvação em Cristo: há unidade entre aqueles que foram salvos por Cristo. Não importa se é grego ou judeu. A verdade é que, por Jesus Cristo, somos todos um. Não podemos fazer distinções étnicas, pois todas as famílias da terra foram alcançadas, independentemente de sua origem ou localização. Nós não podemos fazer distinções de classes sociais, privilegiando algum nível de educação ou segmento profissional. Por fim, não podemos fazer distinções entre homem e mulher, pois mesmo que as marcas de violência contra mulher ainda sejam evidentes em nossa sociedade, todos são igualmente herdeiros de Deus quando se achegam a ele. Todos aqueles que creram um dia no Senhor são irmãos em Cristo e fazem parte da igreja do Senhor Jesus Cristo. A pessoa que se torna filho de Deus continuará com sua etnia, com seu nível educacional ou com seu papel na sociedade. Entretanto, para o reino de Deus, essas diferenças são secundárias e não influenciam em nada.

Semente de Abraão

No versículo 29, por fim, Paulo diz: *E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa*. Abraão viveu cerca de dois mil anos antes de Cristo e nós estamos vivendo dois mil anos depois de Cristo. Há quatro mil anos, Deus renovou uma promessa que já havia feito a Abraão e, de alguma maneira, após 365 anos, Ele renovou novamente com a Lei, dando motivo para as pessoas valorizarem a promessa de Abraão. Hoje, nós cremos no descendente de Abraão, o Senhor Jesus Cristo. Nosso Deus tem estabelecido a história e nós precisamos ter essa visão divina da história de que, hoje, somos descendentes de Abraão, somos herdeiros das promessas que Deus fez, e nisso podemos nos alegrar.